

Nós na AMB

auto-organização de um
movimento feminista



Nós na AMB: auto-organização de um movimento feminista

Educadoras do curso presencial e diálogo on-line:

Analba Brazão, Carmen Silva e Mércia Alves

Secretaria da Universidade Livre Feminista:

Beth Ferreira e Cristina Lima

Redação: Analba Brazão, Carmen Silva e Mércia Alves

Revisão de textos: Cristina Lima

Edição: Carmen Silva

Diagramação: Cristina Lima

Tiragem: eletrônica

Produção: SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia

Apoio: Projeto 'Fortalecimento da Articulacion Feminista Marcosur', financiado por União Europeia

SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia

Rua Real da Torre, 593, Madalena, Recife – PE, CEP 50610.100 Endereço eletrônico:
sos@soscorpo.org.br Sítio eletrônico: www.soscorpo.org.br Telefone: +55 81 3087 2086

Universidade Livre Feminista

Ação colaborativa compartilhada por CFEMEA - Centro Feminista de Estudos e Assessoria,
Cunhã Coletivo Feminista e SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia. Endereço
eletrônico: contato@feminismo.org.br Sítio eletrônico: www.feminismo.org.br

Realização



Apoio na realização do Curso Nacional de Formação Feminista:



União Europeia

*Este trabalho foi desenvolvido com o apoio financeiro da União Europeia.
Os conteúdos expressos são de responsabilidade do SOS Corpo e não
refletem necessariamente a posição oficial da União Europeia.*

Sumário

Apresentação

Nós militantes da AMB e nossa auto-organização 5

Bloco 1: Quem somos nós na AMB 9

Informações sobre quem somos nós, militantes da AMB 9

Síntese do debate no curso presencial em Recife 13

Síntese do diálogo na Universidade Livre Feminista 16

Bloco 2: Como nos organizamos na AMB 22

Informações sobre como nos organizamos na AMB 22

Síntese do debate no curso presencial em Recife 26

Síntese do diálogo na Universidade Livre Feminista 32

Bloco 3: Como atuamos na AMB 39

Informações sobre como atuamos na AMB 39

Síntese do debate no curso presencial em Recife 42

Síntese do diálogo na Universidade Livre Feminista 47

Para continuar a conversa... 49

O que é um movimento social forte 49

A conjuntura e os desafios organizativos da AMB 50

Referências

55

Apresentação

Nós, militantes da AMB, e nossa auto-organização

*“Quem me dera eu achasse um jeito de fazer tudo perfeito,
feito a coisa fosse o projeto e tudo já nascesse satisfeito.
Quem dera eu visse o outro lado, o lado de lá, lado meio,
onde o triângulo é quadrado e o torto parece direito.
Quem dera um ângulo reto. Já começo a ficar cheia de
não saber quando eu falto, de ser, mim, indireto sujeito”.*
Leminski

Olá, companheiras AMBistas de todos os agrupamentos locais!

Esta publicação registra as sínteses do processo realizado pelo SOS Corpo para a AMB sobre auto-organização. O objetivo deste processo foi refletirmos sobre a organização do nosso movimento no plano local e nacional, suas virtudes e seus problemas, e elaborarmos juntas quais são os desafios que temos que enfrentar para o seu fortalecimento.

O processo consistiu em: uma reunião preparatória com a coordenação nacional e o grupo de trabalho sobre organização; um curso presencial de quatro dias, em Recife, com 45 integrantes da AMB, escolhidas pelos agrupamentos locais; criação e funcionamento durante um mês e meio de um grupo de *WhatsApp* com esta turma; realização de um diálogo virtual na Universidade Livre Feminista durante um mês, com três blocos de discussão de dez dias cada, que contou com 240 inscritas, todas militantes da AMB, de 17 estados. Foi um processo grandioso e ficamos muito felizes de ter contribuído pra ele acontecer. Para ambos os momentos, presencial e virtual, foram disponibilizados alguns subsídios que estão listados na bibliografia desta brochura.



No curso presencial, optamos por uma metodologia de oficina de elaboração para que, a partir de alguns documentos da AMB e outras breves exposições, pudéssemos elaborar sobre a questão apresentada para aquele momento. Discutimos sobre a composição interna do nosso movimento e os desafios que ela traz para a construção de um movimento feminista nacional em um país de dimensões continentais, no bloco 1. No bloco 2, aprofundamos a reflexão sobre como, na AMB, decidimos que deveria ser a nossa organização e como ela é de fato, vendo aí as virtudes de termos nos definido como um movimento autônomo e que busca a horizontalidade. No bloco 3, reafirmamos o nosso projeto político, como movimento feminista antipatriarcal, anticapitalista e antirracista, e discutimos sobre as lutas feministas e os desafios de nossa atuação a partir das frentes de luta que escolhemos encampar. Por fim, refletimos sobre alguns elementos que caracterizariam um movimento feminista forte e nos comprometemos coletivamente a seguir impulsionando a construção da AMB e o debate preparatório para a próxima plenária nacional.

Apresentamos esta síntese para que todas as participantes, e aquelas que não puderam participar, possam avaliar esse momento e sua participação, e também retomar o debate nos seus agrupamentos e ir construindo reflexões coletivas locais que ajudem a fortalecer a AMB nacionalmente.

Eu já falei: sou aguerrida! A AMB sai daqui fortalecida!

Equipe do SOS Corpo: Analba Brazão, Carmen Silva e Mércia Alves
Secretaria da Universidade Livre Feminista: Beth Ferreira e Cristina Lima

Bloco 1 – Quem somos?

Cada uma é convidada a se apresentar, dizer seu nome, em que agrupamento local atua, onde mora, sua idade, raça e/ou cor, classe social, orientação sexual e algo mais que achar interessante compartilhar sobre você mesma. Diga também o que você espera deste diálogo *on-line* sobre a AMB.

Como você vê os dados sobre o perfil da militância da AMB e o que pensa sobre a composição do nosso movimento no plano nacional? Como é a composição dos agrupamentos locais?

Comente como você vê as condições de vida das integrantes da AMB e também as condições subjetivas da nossa militância. Que desafios isto aponta para o fortalecimento da AMB no plano local e nacional?

Bloco 2 – Como nos organizamos?

Como é a organização e a tomada de decisões no agrupamento local de que você participa? Quais os elementos positivos e que problemas organizativos vocês enfrentam?

Considerando as formas de organização da AMB e de tomada de decisão, no plano nacional, o que você acha mais positivo e que problemas você identifica? Quais são as causas destes problemas?

As mulheres que participam do agrupamento local se identificam como militantes/ativistas da AMB? Como se dá o sentimento de pertencer ou não a um movimento feminista nacional? Como é a relação do agrupamento local com a AMB, em âmbito nacional?



Bloco 3 - Como atuamos?

Tomando uma experiência concreta, por exemplo, o 8 de março de 2017, como se dá, na prática, as alianças com outros movimentos sociais em cada agrupamento local? Que problemas enfrentamos? Como e com quem procuramos construir juntas?

As alianças da AMB com movimentos feministas e outros movimentos sociais, no plano nacional e latino-americano, são coerentes com seus objetivos e princípios? Elas potencializam ou dificultam as nossas lutas e nossas formas de atuação?

Temos oito frentes de luta. Em cada plenária decidimos quais serão prioritárias no próximo período; temos um modo de expressão estética próprio, decidido coletivamente; mas temos dificuldade de tomada de decisão e de realizar ações nacionais. Por que isto acontece? Que desafios aponta?

TRANSFORMANDO O MUNDO PELO FEMINISMO

Forum Social Mundial - Belém do Pará - Janeiro de 2009



ARTICULAÇÃO DE MULHERES BRASILEIRAS
AMB

Bloco 1

Informações sobre quem somos nós, militantes da AMB

Estes dados sobre a militância têm como base formulário preenchido na reunião do Comitê Político Nacional da AMB, em maio de 2014, em Recife, com a presença de 61 mulheres de agrupamentos locais de 17 estados. A maioria das presentes na reunião, o que pode indicar maioria na AMB, são mulheres adultas, solteiras, negras (declarando-se pardas ou negras), com nível superior e sem militância em partidos políticos. Toda se afirmam como mulheres da classe trabalhadora, sendo a maioria dos segmentos populares.

Seguem as informações:



Idade: maioria adultas

46 mulheres tinham entre 30 e 60 anos (entre estas, 20 mulheres estavam entre 40 e 49 anos);
9 tinham menos de 30 anos;
6 tinham mais de 60 anos.

Estado civil: maioria solteiras

Solteiras e/ou separadas - 75,4%;
Casadas - 16,4%;
6,6% se consideram em um estado civil diferente destes citados.

Raça/cor: maioria negras¹

24,6% das militantes se declararam brancas;
1,6% se declararam mestiças;
1,6 % se declararam indígenas;
19,7% se declararam pardas;
47,5 % se declararam negras ou pretas ou negras-pardas

Escolaridade: maioria tem nível superior

78,70% têm curso superior (33%, em instituições privadas, e 67%, em universidades públicas);
16,40% têm ensino médio;
1,6 % têm ensino fundamental.

Lazer: lazer e in/formação juntas

57,38% se ocupam com leitura;
49,18%, com ouvir música;
22,95% veem TV;
31,15% navegam na internet;
13,11% frequentam galerias e museus.

Militância em partidos: maioria não

70,50% declararam não ter militância em partidos políticos naquele momento;
26,20% afirmaram ter dupla militância, na AMB e em algum partido político;
3,30% não responderam.

Classe: maioria trabalhadoras e de classe popular

14,8% não responderam;
31,1% se declararam de classe média;
19,7% média-baixa;
19,60% se identificaram como sendo de classe popular e classe trabalhadora;
14,7% dizem pertencer à classe pobre, de periferia e baixa-periferia-pobre.
Agregando-se as de classe baixa-pobre-periférica-popular-trabalhadora, soma 34,30%.

Se considerarmos, nesta camada, o que é reconhecido como classe média-baixa, teremos um total de 54%.

Níveis de renda

11,5% tinham renda mensal inferior a um salário mínimo ou se encontravam sem renda;
23% tinham renda entre um e dois salários mínimos e
27,9% tinham renda entre dois e quatro salários mínimos.
32,8% tinham renda superior a quatro salários mínimos.
59,2% tinham um emprego com carteira profissional assinada ou com contrato de trabalho;
29,51% estavam com trabalhos informais, empregos precarizados e/ou trabalhavam por conta própria.
6,56% obtinham esta renda com apoio familiar.
1,64% recebiam bolsa família.

¹ Tomando como referência a forma de classificação do IBGE, foram somadas todas que se declaram pretas, pardas ou negras e isso resultou em um total que corresponde a 67,2%.



Moradia

50,8% moravam em bairros de classe média;

48%, em bairros de periferia.

1,6% das militantes responderam que moram em um bairro rico (3,3 % indicou outro, 3,3 % não responderam).

31% moravam em casa alugada e 45,9 % em casa própria.

Se agregarmos as informações sobre quem mora em casa alugada (31%) àquelas que moram em casa de familiares e/ou cedida (18,8%), temos um total de 50,8% (1% não respondeu).

Em 64% dos casos, as casas das mulheres da AMB têm entre 1 e 2 quartos; 26,2% têm 3 quartos; 4,8% têm casas com um número superior de quartos; e 5% não responderam.

Síntese do debate no curso presencial em Recife

Quem somos nós na AMB

Síntese do debate realizado no curso “Nós na AMB: auto-organização de um movimento feminista”, dia 25 de maio de 2017, em Recife, com participantes de 17 agrupamentos locais. O debate demonstrou que os dados construídos a partir do formulário aplicado no Comitê Político de maio de 2014 não são muito distantes da composição dos agrupamentos locais.

Nós, militantes da AMB

Somos, na maioria, adultas, mas há algumas jovens entre nós e parece que estão chegando mais nos últimos tempos. Muitas mulheres, jovens e adultas, se aproximam do movimento em momentos de luta, em especial nas ruas, mas temos dificuldade de contribuir para o seu engajamento no cotidiano dos agrupamentos locais, daí perdemos as recém-chegadas.

Somos, na maioria, solteiras, mas há entre nós também algumas mulheres casadas e algumas que não definem seu estado civil a partir destes padrões. Algumas entre nós são mães de crianças pequenas e é preciso criar condições para a sua participação no movimento, o que é muito dificultado pela situação de classe. Também temos uma grande presença de mulheres lésbicas e bissexuais, o que não foi registrado nos dados do perfil.

Somos, na maioria, negras (pretas e pardas), mas há também entre nós mulheres indígenas e mulheres brancas. Há agrupamentos locais de ampla maioria branca, como é o caso de Chapecó. O fato de sermos, na maioria negras, não significa que o racismo seja enfrentado de forma suficiente pelo nosso movimento.

Somos todas trabalhadoras, mulheres que, além de trabalharem em casa, vivem de trabalho assalariado. Mas, muitas de nós, vivem em condições muito difíceis, sem emprego ou com trabalhos precarizados, em bairros de periferia, sem infraestrutura, em casas precárias e com níveis de renda muito baixos. Nesta crise, que se ampliou com o golpe, tudo isto está piorando, com o aumento do desemprego e a maior precarização dos serviços públicos.



A maioria de nós estudou até o terceiro grau. Gostamos de leitura e de música, mas nosso lazer está relacionado majoritariamente a coisas que se pode fazer dentro de casa. Muitas navegam na internet, mas há lugares em que o acesso à internet rápida é muito difícil. Há, entre nós, mulheres que têm muita dificuldade de lidar com computadores e com os caminhos na internet.

Na AMB, temos a situação de dupla e tripla militância, que se dá em outros movimentos, mas majoritariamente em sindicatos e partidos políticos. Não consideramos este um problema, vemos como forma de expandir o feminismo, mas nos preocupa quando isto faz reduzir o tempo dedicado à construção da AMB e quando reduz a sua expressão pública. E também não aceitamos quando os partidos querem dar a linha para o nosso movimento. Também corremos risco de ser engolidas por outros movimentos.

Além deste perfil demonstrar as nossas condições de vida, percebemos também que nossos agrupamentos locais são muito diferentes uns dos outros e que a militância tem dificuldade para se sentir vinculada à AMB. Muitas só sentem este vínculo quando estão presentes em uma reunião nacional. Muitas veem a AMB como espaço de formação, de onde elas vão participar, e não se sentem construindo de forma coletiva. O fato dos agrupamentos locais terem um nome diferente do nome AMB também contribui para que muitas de nós não se identifiquem ou não tenham o sentido de pertencimento à AMB como um movimento social feminista nacional.

Percebemos também que as condições de participação são piores para as companheiras que vivem na zona rural ou em cidades do interior.

Além disso...

As condições de vida, a responsabilidade com crianças pequenas, o pouco acesso à formação e informação, a inexperiência com participação política em movimentos sociais, entre outras coisas, geram condições desiguais de participação na AMB. Muitas, entre nós, têm também dificuldades subjetivas, como o medo de se expressar no debate por escrito nas listas de e-mails e

no grupo de *WhatsApp*, ou “zap”, como também é comumente conhecido. Percebemos que, no grupo de *WhatsApp*, a expressão é maior dada a maior facilidade de acesso das militantes.

Algumas têm participado e se formado como feministas no debate feminista na internet, e outras se formaram como feministas na participação em eventos. Isto, às vezes, gera dificuldades de comunicação. Sentimos que podemos estar usando as mesmas palavras para falarmos de coisas distintas.

Poucas entre nós tiveram oportunidade de participar de processos de autorreflexão feminista e de formação política feminista mais profundos.

Diante de tudo isso, foram apontados alguns desafios para nossa articulação:

- Seguir na luta para garantir direitos e mudar nossas condições de vida;
- Favorecer mecanismos de participação no debate nacional para militantes com condições de vida mais precárias;
- Acolher novas militantes de forma mais profunda, de maneira a impulsionar o engajamento no cotidiano do nosso movimento e o conhecimento de nossa trajetória de organização e de luta;
- Criar melhores condições para participação de mulheres mães de crianças pequenas no movimento;
- Gerar, nos agrupamentos locais, espaços de autorreflexão feminista que acolham a cada uma de nós, com nossas diferentes subjetividades, e contribuam para que todas possamos ter uma formação feminista que nos ajude a construir a nós mesmas, a nos fortalecer como movimento e a impulsionar a nossa ação coletiva.



Síntese do diálogo na Universidade Livre Feminista

Quem somos nós na AMB

Companheiras,

Fizemos esta síntese tentando juntar o que as 91 participantes disseram no *Diálogo Nós na AMB*, analisando o perfil da militância da AMB e os desafios que apontam para nosso movimento. Muitas falaram sobre aspectos de nossa auto-organização que devem ser retomados no segundo bloco também. Ao tentarmos sintetizar, tomamos algumas frases que foram escritas pelas participantes por serem representativas e sintetizadoras. Elas estão entre aspas, não colocamos as autorias porque a ideia foi ir construindo um texto mais coletivo, que possa servir como subsídio para debates preparatórios à Plenária Nacional da AMB. Está aberto para questionamentos e discordâncias, já que sintetizar é também fazer escolhas.

Poderíamos dar a este texto o título “diversas, mas não dispersas”, se não fosse esse o lema do próximo Encontro Feminista Latino-americano, que acontecerá em novembro, em Montevideu, Uruguai.

Espero que a sabedoria ocupe nossas reflexões e que consigamos fazer a resistência necessária, mas com leveza e muito companheirismo. Somos diversas e isso é muito bom. A AMB é um espaço privilegiado e desafiador para nos transformar e transformar o mundo pelo feminismo.

Foi dito por várias participantes que as condições de vida dificultam nossa militância. Temos pouco tempo e poucos recursos para nos deslocarmos. Muitas estão desempregadas ou na informalidade. Algumas têm filhos pequenos e sem ter com quem compartilhar as responsabilidades na sua educação. Temos uma grande diversidade de demandas e moramos em distintos territórios. Em grande parte, somos mulheres populares e/ou negras e enfrentamos o racismo no cotidiano de nossas vidas. Temos também diversos e distintos espaços de militância. Vale dizer que este Diálogo está mostrando como as condições de

militância são diferentes: muitas não conseguem acessar porque a internet é fraca no seu local de moradia ou não têm computador em casa, porque o tempo de trabalho não permite. *“Atualmente tem crescido a quantidade de mulheres das camadas mais populares se autoidentificando como feministas”*.

Alguém comentou também que a subjetividade da militância é impactada negativamente também pelas disputas internas, pelas múltiplas identidades e por diferenças teóricas e metodológicas. Falamos ainda do medo que habita nossas vidas, da falta de autonomia de cada uma, da dificuldade de nos expressarmos nos espaços coletivos, de construir ou liderar processos locais ou nacionais. Muitas falaram sobre as condições diferentes de ativismo de cada uma. E como *“a separação entre o pessoal e o político segue sendo um problema na nossa cultura política”*, precisamos conversar sobre nossos receios e nossas diferenças na participação dentro da AMB. Isso é parte de quem somos. Precisamos cuidar de nós mesmas pra gente construir um movimento feminista forte. Como uma companheira refletiu *“o feminismo ressignifica a vida das mulheres”*.

A dificuldade de entrar na plataforma da Universidade Livre Feminista pode ser também um elemento sobre “quem somos”. Talvez muitas companheiras não tenham costume de usar e-mails, de navegar na internet, muitas devem estar fazendo um curso *on-line* pela primeira vez, outras vivem em lugares nos quais a internet não funciona bem, entre outras coisas. A sobrecarga de trabalho e as preocupações da vida também roubam o nosso tempo livre, que poderíamos dedicar a nós mesmas e a nossa militância. Este é um grande desafio para a AMB, como um movimento nacional que se comunica quase sempre pela internet.

Somos muitas mulheres negras, muitas se colocam como mulheres populares, pobres e/ou da classe trabalhadora, mas também temos mulheres brancas, algumas poucas de classe média. Isto desafia o feminismo da AMB, como um movimento feminista antirracista e anticapitalista. *“Somos negras em sua maioria, mas não assumimos como AMB o protagonismo da discussão e da luta antirracista. Será que acreditamos que isso é papel de outro movimento, algo externo a nós?”*. Qual deve ser o lugar político da AMB na luta antirracista?



Muitas entre nós são heterossexuais, mas há também um grande número que se identifica como lésbica, bissexual e uma companheira se coloca como pansexual. Mas a nossa ação no campo da luta por liberdade sexual tem sido pouco expressiva. O mesmo podemos dizer sobre as questões de identidade de gênero. Algumas trouxeram o debate sobre a acolhida às mulheres trans na AMB. Em 2014, a entrada de mulheres trans foi um dos temas (o outro foi a questão da prostituição) que a plenária nacional sugeriu que fosse aprofundado nos agrupamentos locais da AMB. Como andam estas discussões? O que temos feito a respeito?

A maioria das militantes da AMB são mulheres com mais de 40 anos. Temos um número menor de mulheres jovens, na faixa dos 20 a 30 anos. Muitas participantes neste Diálogo têm pouco tempo de atuação na AMB e outras, pouco tempo na AMB e no feminismo. Estes dois aspectos, jovens e/ou recém-chegadas, desafiam a AMB a contemplar as questões geracionais e também a considerar as que são novas na AMB e no feminismo, independente da faixa etária.

Somos mulheres que moram em capitais, em cidades do interior, muitas moramos em periferias das cidades, outras em quilombos, muitas desempregadas e vivendo do trabalho informal. E, pelo que já vimos, com condições desiguais de acesso às redes sociais. Isto dificulta a participação, na construção do nosso movimento nacional, que ocorre quase sempre através da internet. O foco da militância fica dirigido apenas para o movimento local.

O fato do Brasil ser um país continental e com um histórico e realidade atual de grandes desigualdades dificulta em muito nossa organização, pois trabalhamos muito para sobreviver e sobre pouco tempo para a dedicação à militância.

As questões ligadas à causa indígena e rural ainda são pouco exploradas, pelo fato de termos um percentual pequeno de mulheres indígenas na AMB. A juventude e a negritude estão ganhando força no movimento. Por um lado, as condições econômicas de boa parte das integrantes, favorecem maior participação e poder de decisão; por outro, as precárias condições econômicas e sociais das demais, dificultam o acesso à informação, ao conhecimento e portanto, ao poder de decisão.

Muitas sentem dificuldades de acesso aos meios tecnológicos virtuais. As mulheres que são mães sentem muitas limitações para participarem das reuniões, encontros e da militância.

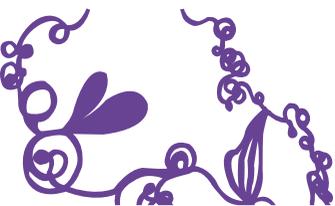
Também vimos nas apresentações que muitas de nós têm dupla militância (ou múltipla militância). Por um lado, nos perguntamos: Se estamos em dois ou três espaços de militância, como priorizar o fortalecimento da AMB? Qual a prioridade? Uma militância pode fortalecer a outra? Isto dificulta ou facilita o pertencimento à AMB? Não temos respostas, mas são questões para refletirmos coletivamente. Por outro lado, alguém trouxe uma reflexão sobre a militância partidária que apresenta outro argumento para discutirmos:

70,50% das respondentes do questionário não têm militância em partido e 26,20% têm dupla militância, na AMB e em algum partido. Esta diferença preocupa pela necessidade que temos da mulher na política. Não adianta muito lutarmos por direitos e oportunidades iguais na política partidária, se não estamos inseridas para acompanhar de perto.

O que a AMB pensa sobre isto?

Apesar deste perfil apresentado pela pesquisa e confirmado com as apresentações das participantes nesse Diálogo, uma companheira salientou que ainda predomina uma visão de que a AMB é um movimento de mulheres brancas, acadêmicas e de classe média em muitos lugares. Será que as mulheres de classes populares não estão participando ativamente nas tomadas de decisão e na construção nacional do nosso movimento? A afirmação de uma das participantes pode nos ajudar a refletir:

A condição de vida me exclui e afasta da participação política, pois requer dinheiro para pagar transporte (ônibus e/ou uber – no caso de reunião à noite devido à distância das comunidades populares) e dinheiro para garantir internet. A condição de vida gera um conjunto de sentimentos que impactam na saúde. A condição de vida é constituída de fatores fortes que impactam o corpo (sem dividir esse corpo), para garantir momentos para alimentar esse corpo. O autocuidado passa a ser uma atitude política.



Além das condições materiais de vida, discutimos também as condições subjetivas, ou seja, o que acontece dentro da gente, na nossa construção pessoal como sujeito, na nossa vida mais íntima, que pode facilitar ou dificultar a atuação política.

Penso ser importante uma boa autoestima voltada para os espaços de militância; falo isto porque nós sempre repetimos que empoderamos umas às outras e realmente acredito que fazemos isso (eu seria uma pessoa bem desamparada sem o suporte ideológico e solidário que encontrei no movimento). No entanto, é importante ter cuidado para que isso não se faça por meio da “tutela” ou “aliança afetiva”, o que reforçaria papéis bem desagradáveis como os das militantes de referência e suas seguidoras.

Sobre subjetividade também vale destacar:

Em relação a condições subjetivas da nossa militância, vejo que ainda é muito forte a permanência desses lugares de poder e em contrapartida de lugares da zona de conforto da não exposição e isso não pode ser naturalizado, penso que existe um pouco da ‘tirania da falta de estrutura’ e também algo que vem tomando um caminho que me preocupa é o do lugar de fala. Jamais questionarei o protagonismo das diversas identidades que compõem o movimento, no entanto, muitas vezes sinto uma prática um pouco contraditória em relação ao que cada uma pode falar ou como deve agir quando o assunto é classe e raça, e assim fica muita gente pisando em ovos e outras se desgastando em disputas que não caminham para um debate produtivo sobre nossas desigualdades e os desafios que isso nos coloca e parece estar mais propenso a esvaziar debates seríssimos e estruturantes em uma individualização da pauta.

Por fim, destacamos algumas falas sobre a diversidade de nosso movimento:

A diversidade das integrantes da AMB é algo positivo quando encaramos os desafios e reflexões que ela nos provoca de forma a tornar o espaço cada vez mais incluído e legítimo quanto à representação de diversas identidades.

Se no diverso está a riqueza, parece estar também o conflito. Entendo que ao aprofundar a reflexão sobre os vários aspectos dessa diversidade criaremos a

possibilidade de fortalecer a identidade deste movimento feminista.

O que temos de concepção de pensamento e visão de mundo trazemos para o movimento. E, para além da diversidade da condição de vida, temos uma diversidade de concepção de vida, nesse caso aparecem os ‘nós’ “; os quais queremos desatar.

Precisamos nos juntar mais, nos dizer mais, fazer coisas mais juntas, é necessário todas nós assumirmos a AMB como nossa, nossa luta, nossa prática, nossa vida militância. Acreditando no potencial de cada uma de nós e de todas nós juntas.



Bloco 2

Informações sobre como nos organizamos na AMB

Esta síntese foi feita a partir de documentos da AMB que registram suas decisões nacionais. Na AMB, temos algumas instâncias nacionais de condução do nosso movimento: Plenária Nacional, Coordenação nacional e Grupos de referência das Frentes de Luta. Temos também duas coletivas de trabalho nacional criadas: Coletiva de Comunicação e Coletiva de Formação.

Plenária Nacional

Reunião nacional para tomada de decisões das quais participam quem os agrupamentos estaduais puderem levar, é aberta. Depende das possibilidades de recursos. Nela tomam-se as decisões nacionais sobre projeto político, modo de organização e de atuação e prioridades na conjuntura. Até 2014, a instância que tinha esta tarefa era o Comitê Político Nacional, que congregava três militantes por Estado escolhidas pelo(s) agrupamento(s) local(is).

Coordenação Nacional

Atualmente composta por três militantes: Nilde Souza (PA), Vera Guedes (PE), Joana D'arc da Silva (PB). Tempos atrás, já foram cinco e também e até dez coordenadoras. Antes a coordenação era composta por coordenadoras eleitas nas regiões (uma pra cada região); isto facilitava a articulação regional, mas contribuía para o problema de elas tentarem coordenar a região e não o movimento em âmbito nacional. Nesta época, além da coordenação, havia ainda uma Secretaria Executiva Nacional.

Frentes de Luta

Uma Frente de Luta da AMB é um grupo nacional de militantes que se responsabiliza por articular e organizar uma luta nacionalmente. Cada frente faz sua discussão na lista de e-mails, onde se discute e encaminha a luta da frente. As frentes devem socializar na lista da Plenária as questões mais relevantes para tomada de decisão e encaminhamentos, de modo a envolver toda a AMB nesse processo. A plenária precisa ser informada sobre os debates da frente e participar das tomadas de decisão mais importantes.

Como se faz para participar das frentes? Cada frente deveria ter uma pessoa responsável de fazer a inclusão das novas militantes que queiram se engajar na lista de e-mails. Normalmente as pessoas se engajam nas frentes a partir de sua prioridade de luta ou do seu coletivo ou agrupamento local.



Todas devem se sentir responsáveis nas frentes de luta que constroem. As que chegam novas podem pedir para as mais antigas o histórico e os principais documentos daquela luta produzidos pela AMB. Nas plenárias presenciais, uma vez ao ano, sempre discutimos quais são as frentes prioritárias para a estratégia da AMB naquela conjuntura.

Hoje a AMB tem oito grupos nacionais de militantes por Frente de Luta, mas nem todos funcionam bem:

1. pelo fim do racismo;
2. por políticas públicas;
3. pelo fim da lesbofobia;
4. pela democratização do poder
5. pelo fim da violência contra as mulheres;
6. por trabalho e previdência;
7. por justiça socioambiental e lutas globais
8. pela legalização do aborto.

OBS.: A frente de Lutas Globais se fundiu com a Luta por Justiça Socioambiental. E a frente pela democratização do poder é a que antigamente era chamada de frente da reforma do sistema político.

Coletivas

A AMB tem, nacionalmente, a Coletiva de Comunicação e a Coletiva de Formação, a primeira com funcionamento precário e a segunda deixou de funcionar faz algum tempo. Temos uma política de formação nacional definida, que foi debatida ao longo de três anos em comissões e nas reuniões do comitê político nacional. Temos também referências discutidas, em âmbito nacional, sobre como deve ser nossa comunicação. Já houve tempo em que tínhamos uma militante da área de comunicação profissionalizada para contribuir com a ação de comunicação nacional.

Adesão e pertencimento à AMB

Em 2014 definimos vários elementos sobre isto, inclusive, uma campanha de adesão para favorecer a entrada de novas militantes feministas. Não sabemos se temos crescido nos últimos períodos em cada localidade. A campanha nacional não foi implementada.

Finanças

Hoje a AMB não tem finanças próprias. Na Plenária Nacional de 2014, foi decidida a realização de uma campanha de finanças mas ela não foi realizada. Atualmente, para ocorrer uma reunião nacional da AMB, é necessário o apoio financeiro de organizações feministas (SOS Corpo, CFEMEA, EQUIT, REDEH, Cunhã, outras...) ou o apoio de outras fontes semelhantes para participação em ações nacionais gerais de movimentos. Os agrupamentos locais também fazem ações para arranjar dinheiro para participar de momentos nacionais. Já houve períodos em que a AMB tinha projetos de financiamento negociados com agências de cooperação internacionais.

Agrupamentos locais

Os agrupamentos locais têm nomes diferentes (Fórum, Rede, Núcleo, AMB local...) e alguns surgiram antes da AMB (PE, ES e DF). Alguns existem apenas na capital e outros se organizam no Estado inteiro ou em algumas regiões do Estado. Alguns tem coletivas ou comissões semelhantes às nacionais, mas não para todas as frentes de luta nacionais. Todos os agrupamentos locais tem coordenação.

A tomada de decisão na plenária nacional sobre alguma coisa não gera obrigação do agrupamento local de execução desta decisão. Cada agrupamento toma suas próprias decisões baseado na análise do contexto local e na sua definição de prioridades.

Há lugares em que há dois agrupamentos locais que se juntam esporadicamente para decidir ações comuns e há lugares em que existem dois agrupamentos locais com conflitos entre si.



Síntese do debate no curso presencial em Recife

Como nos organizamos na AMB

A referência para impulsionar essa discussão e reflexão foi o documento elaborado por Analba Brazão, *AMB: Trajetória de decisões político-organizativas*. Ele foi o ponto de partida para resgatar a memória das decisões e definições estratégicas relativas à dinâmica organizativa da AMB nos últimos 23 anos. Seguem os principais elementos do debate:

I. Diversidade na composição e na organização

- A diversidade da organização dos agrupamentos é algo que fortalece e que também fragiliza a AMB pela dificuldade de construir identidade enquanto movimento nacional;
- A diversidade teórico-política da nossa militância e o diálogo entre as diversas correntes de pensamento constrói a ação da AMB.

II. Relação Local/ Nacional

Comunicação

- Na relação local-nacional uma das dificuldades é a forma de comunicação. O *WhatsApp* é o imediato, a AMB se comunica muito mais por ele do que por e-mail. A lista da Plenária tem pouca intensidade;
- Há um paradoxo encontro presencial X lista virtual. E a questão é onde se deve decidir sobre temas da estratégia política da AMB? Poucas pessoas estão acessando a lista de e-mails;
- Tem-se canal de interlocução nacional com o local, como as plenárias e as discussões virtuais, a lista da plenária e das frentes, mas poucas acompanham ou estão inseridas nas listas de e-mails;
- A lista de e-mail e *WhatsApp* são mais o cotidiano da discussão da AMB.

- Em alguns momentos no *WhatsApp* e no e-mail há atitudes desrespeitosas e o não acolhimento das diferentes opiniões;

- O *WhatsApp* vem sendo bem ativo e acessível para maioria das militantes, mas é preciso saber potencializar para nossa luta feminista e tornar a comunicação mais participativa e ajudar nesta relação local-nacional;

- É preciso refletir sobre o espaço de decisão da AMB e se o *WhatsApp* dá conta deste papel e também pensar hoje na segurança na internet. Este instrumento e a lista de e-mail google são muito vulneráveis, não são seguros.

Fóruns/agrupamentos/Redes e AMB - Pertencimento

- É preciso investir numa rotatividade da militância para participar dos encontros e momentos nacionais, pois isto fortalece o pertencimento. No entanto, também foi colocado que, para se pertencer à AMB, não é necessário estar em atividade nacional, embora isto também consolide a identidade. Existem outras formas de participar e construir o movimento;
- É importante, para o processo local-nacional, resgatar a memória da AMB e sua presença em vários momentos da história da luta do feminismo;
- Os Fóruns locais são mais expressivos, e muitas vezes na forma de apresentação afirmam ser AMB, mas poucas militantes têm este sentimento de pertença;
- Há também uma dificuldade de pertença quando o agrupamento local não se chama da AMB;
- Há pouca presença nas definições nacionais, orientações, e sua incorporação nos planos locais;
- Há uma crítica de um jeito institucionalizado de fazer e outras formas não são tão acolhidas, o que inibe algumas pessoas em se colocar no coletivo. E dentro disto a relação entre saber e não saber;
- As Frentes de Luta estão paradas; não há um debate nas listas, e as decisões tomadas nos momentos presenciais não são impulsionadas e encaminhadas;



- Existe um reconhecimento de uma força grande dos processos de ação da AMB no local e nacional, mesmo com a fragilidade atual das Frentes;
- Pertencimento tem a ver com acolhida, com criar momentos para atrair a militância para nosso feminismo;
- O pertencimento se dá por adesão política, se adere à causa e a construir o feminismo da AMB, que é autônomo. E a melhor forma de acolher as militantes é fazer a luta.

Estética e visibilidade

- Conectar e articular o ativismo como parte da nossa ação feminista;
- É necessário promover debates no local como nome da AMB com ativistas;
- A estética dos agrupamentos locais ajuda a visibilizar a AMB, a batucada feminista do FMPE, as Tambores de Safo; o grupo de teatro Loucas da Mata Sul dão essa visibilidade;
- O problema da sustentabilidade financeira é uma questão. Quando se tem dinheiro é mais fácil viabilizar as ações e dar visibilidade à AMB;
- A conjuntura política, a crise colaboraram para fortalecer nossa articulação e mobilização, impulsionaram nossa ida às ruas e isto deu mais visibilidade à AMB e mais unidade entre o local/nacional;
- A estética da AMB – cores, chapéu – é parte da sua ação e diversidade. Há respeito à fala nos espaços da militância como sentido de liberdade.

Forma de atuar

- A forma de atuar dos agrupamentos é muito diversa, mas todos contribuem para a agenda do feminismo. Realizam debates, rodas de conversa, arte e ativismo como expressão da estética feminista e a incorporação do autocuidado e do cuidado entre ativistas;

- A AMB nacional tem ramificações nos estados e com formas diferentes de atuar. Esta visão – AMB nacional e o local – cria uma hierarquia, vício, da cultura política tradicional. Então, o que é a AMB nacional?
- Não há um núcleo que define o nacional. O movimento nacional são os estados que o compõe, o local é o nacional e o nacional é o local;
- O desafio da nossa cultura política – a gente se propõe a ser horizontal e radical, mas não consegue romper com a ideia hierarquizada entre o local e o nacional e a relação com a coordenação;
- Pensava-se que o fórum tinha diversas forças políticas, mas vi que em vários tem identidade como AMB;
- Existem também agrupamentos locais que estão com dificuldades de atuar porque há uma divisão, em alguns locais – dois núcleos da AMB –, mas isto é parte da diversidade política da própria articulação;
- É preciso considerar que a decisão nacional não obriga todos os estados a fazer porque existem diferentes contextos. Mas, reconhece-se um amadurecimento nas decisões e também desafios, uma vez que há um grande distanciamento entre o debate nacional nos agrupamentos locais;
- A AMB desenvolve muitas ações de caráter nacional que envolvem todas as militantes: participação nas conferências, Rio +20; 8M, e isto vai ampliando a expressão no nacional e no local;
- E a coordenação tem um papel de executar o que é decidido por todas. E, para isto, é preciso o engajamento da militância;
- A coordenação não conseguiu se instituir como coordenação pela falta de estrutura – física, financeira e política – para se trabalhar. É uma coordenação de três pessoas que não estão liberadas. E a decisão da plenária de setembro de 2016 foi frágil e faltou o apoio coletivo ao trabalho da coordenação, assim como o coletivo não enfrentou a questão de que três não eram suficientes;
- A tomada de decisão é a diversidade do que somos e de pensamento. Isto é



bom e também nos exige muito porque dá trabalho. É um desafio no cotidiano colocar em prática a horizontalidade e autonomia porque parte da cultura política é esperar que alguém faça, encaminhe...;

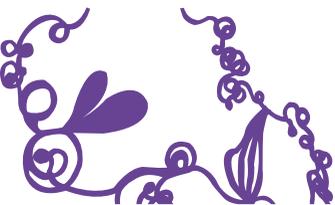
- Somos muito desiguais e pensar numa estrutura de horizontalidade é desafiante a fim de garantir mecanismos que equilibrem a participação das mulheres;
- Ser organização e ser movimento com várias visões de como construir a AMB é algo que precisa se pensar. Para ser movimento autônomo, horizontal e anticapitalista, antirracista e antipatriarcal exige que se discuta sempre principalmente hoje sobre ser movimento autônomo e a perspectiva autonomista;
- A questão da horizontalidade e as situações de emergência. A coordenação tem que tomar uma decisão. Isto pode ser um problema, mas é parte do processo de construção de movimento;
- A horizontalidade é uma marca forte na AMB e, aliado a isto, cuidar da participação democrática e dos mecanismos de decisão interna para potencializar essa participação;
- Para construir esse movimento é preciso o compromisso individual e coletivo das militantes, considerando o tempo político de cada uma e a dinâmica dos agrupamentos;
- Como sugestão para fortalecer a sustentabilidade da AMB e dar abrigo para o trabalho da coordenação, for ressaltada a elaboração de projetos e busca de recursos em tempo hábil, garantindo neste processo o tempo de discussão e do edital para elaborar as propostas.

III. Dupla Militância

- A dupla militância tem seus limites. Às vezes, o fato de estar em dois ou três espaços pode levar a se priorizar um dos espaços, principalmente se um destes é parte do trabalho, fonte de renda e sobrevivência. Mas, esta pluri-militância

também permite levar o debate do feminismo para espaços mistos, sindicais;

- Ter pluri-militância dificulta saber quem impulsiona o processo da AMB e investir na AMB como espaço de construir a visão de mundo a partir do feminismo;
- A dupla militância foi colocada em relação à atuação em sindicatos, partidos. Em muitos casos, existe uma tensão constante que limita a participação e também a tentativa de incidir na ação destes espaços;
- A importância da dupla militância se dá pela retroalimentação da pauta do feminismo e questiona também as estruturas de poder;
- A dupla militância exige cuidado com a autonomia do nosso movimento;
- Há companheiras com dupla militância, com atuação na CUT por exemplo, que são fortes e têm compromisso com a construção da AMB. E a importância de estar na AMB é parte deste fortalecimento como feminista;
- É importante pensar nas mulheres que estão na AMB e também militando nos partidos e sindicatos, e não se ver posturas para “tratorar”. Mas isto demonstra o respeito pela autonomia, e quanto mais fortalecido o agrupamento, mais se fortalece a militância feminista;
- A experiência do 8M em vários estados também demonstrou essa tensão na relação com centrais, partidos e movimento de mulheres. Em alguns locais, dirigentes sindicais, homens, tentavam invisibilizar o protagonismo das mulheres;
- Desde anos 1970, 1980, as mulheres exerciam dupla militância, estavam nos movimentos de bairro, sindicatos, partidos. A questão é em que medida esta participação pluri também assegura a contribuição para construir o movimento feminista, garantindo sua horizontalidade e autonomia;
- A dupla militância contribui para se pensar as mulheres no poder, transformando o mundo pelo feminismo. Existem muitas mulheres nos sindicatos, mas não muitas feministas. Conquistou-se a paridade nas direções, mas ainda não há condições iguais de participação.



Síntese do diálogo na Universidade Livre Feminista

Como nos organizamos na AMB

Companheiras,

A síntese deste bloco está trazendo reflexões de 26 participantes que compartilharam suas impressões no debate virtual.

Desta vez, a participação de companheiras não foi o que esperávamos, em termos numéricos, mas as contribuições que essas 26 militantes trouxeram foram muito significativas. Pela dificuldade de acessar a plataforma – tanto por terem pouco acesso à internet como pelo fato de algumas militantes individualmente terem dificuldades de outra ordem, alguns agrupamentos desenvolveram uma metodologia específica. Assim, para garantir uma boa participação, usaram como estratégia se reunir em grupos, debater e postar na plataforma o resultado dessas discussões.

Se considerarmos esta discussão coletiva anterior nos agrupamentos, a interação no diálogo foi um tanto maior. Esta experiência de se reunir em grupos foi feita pelo agrupamento do Amapá, MIM (CE), Coletivo de Mulheres do Calafate (BA), AMB-SP e pelo Fórum de Mulheres do Agreste-PE. Neste processo, foi colocado como localmente estes agrupamentos se organizam, quais os desafios a serem enfrentados e também a abrangência de suas ações – se locais, regionais ou estadual – e o número aproximado de militantes atuantes nesses espaços.

Como no primeiro bloco, nesta síntese das discussões sobre Como nos organizamos?, optamos por tomar frases emblemáticas que, no nosso entender, são bastante representativas do debate. Solicitamos às militantes da AMB, ao lerem esta síntese, se tiverem discordâncias ou acharem que alguma ideia importante ficou de fora, ficarem à vontade para fazer complementações. A partir dos recortes políticos e análises feitas por nós, educadoras, contidos

nesta síntese, nossa proposta é que possamos transformá-lo num texto coletivo, elaborado a muitas mãos, numa costura conjunta das ideias e debates do segundo bloco de discussões, mas que eventualmente podem ser enriquecidos com outras análises, ajustes e questionamentos a partir das participantes do *Diálogo Nós na AMB*.

Sobre a forma de organização dos agrupamentos locais e estaduais e o caminho percorrido para ser um movimento horizontal e autônomo.

Interessante perceber que, devido aos contextos locais, há formas diferentes da AMB se organizar. Nos relatos, identificamos que os princípios de horizontalidade e de autonomia são os caminhos que os agrupamentos buscam seguir no seu cotidiano. Mas seguir na horizontalidade, no sentido da tomada de decisão, tem sido um desafio também em algumas localidades, o que reflete também dificuldades de auto-organização em nível nacional. Como vamos decidir em uma lista se não houver consenso? No Comitê Político Nacional da AMB de 2008, este problema foi discutido e se decidiu que, se 70% das militantes concordassem com determinada ideia, seria tomada a decisão conforme a maioria. Mesmo assim, quando temos que tomar decisões na lista, como fazer esta contagem, se a maioria das militantes que estão na lista termina sem opinar?

Há com certeza na AMB um compromisso com a horizontalidade na tomada de decisões, mas muitas aqui falaram da dificuldade de opinar sobre as decisões no cotidiano, nas questões urgentes, que se apresentam principalmente nesse contexto que estamos atravessando. Como constatou uma companheira, “temos um compromisso com a horizontalidade”, “...mas há nela uma contradição: muitas vezes, temos que tomar decisão imediatamente e, como precisamos que todas opinem, precisamos esperar o tempo de cada uma”.

O problema aí é que, por muitas vezes, a AMB perde o tempo político de colocar as questões, de se posicionar, por causa dessa dificuldade, que não é nova. Portanto esta mesma companheira coloca que:

Muitas vezes já me peguei sem saber dar uma opinião, pois não tenho opinião a



dar sobre todas as coisas. Mas aí eu confio nas decisões tomadas pelas demais porque, se estamos juntas, se nos identificamos em muitas coisas, acho que vocês vão saber achar o melhor caminho. Mas, então vêm vocês e dizem que estão muito sozinhas para tomar uma decisão que vai afetar todas. Como sair desse impasse? Precisamos sair desse impasse. Precisamos encontrar uma forma que nos ajude. Talvez eu precise dizer: 'gente, não tenho como opinar isso nesse momento'.

Acho que vocês compreenderiam, pois não sou capaz de compreender tudo na vida e como confio em vocês...

A tentativa tem sido de horizontalizar o movimento e ter as decisões compartilhadas, mas os desafios para chegar a ser o que queremos ser são enormes. Como disse uma companheira, “horizontalidade requer muita organicidade das militantes”.

Como foi dito por várias, a AMB é um movimento autônomo. Tomamos nossas próprias decisões. Mas muitas participantes têm dupla militância – em outros movimentos e/ou partidos – e isso também influencia no nosso debate interno, porque estas também debatem nesses outros espaços políticos. Isso não é um problema, desde que a gente mantenha sempre o princípio de decidir juntas a nossa posição, juntas no espaço da AMB/agrupamento local

Ficou evidenciado também as realidades diferenciadas de nós, militantes da AMB: existem agrupamentos em que militam 10 mulheres, 15 mulheres no seu local e outros que têm dimensão estadual e que se organizam por regiões. Há agrupamentos que funcionam sem ter uma coordenação fixa, que funcionam com lideranças situacionais; outros se reúnem sistematicamente, de forma presencial, e agrupamentos que se reúnem, apesar das militantes estarem na mesma cidade, através de grupos de internet e de *WhatsApp*. Existem ainda agrupamentos que estão se reerguendo, se reconstruindo, com muitas companheiras que estão chegando na AMB e com energia para construí-la localmente; outros se organizam como coletivas articuladoras, em que os espaços de tomada de decisão são encontros estaduais, que são deliberativos, e há também encontros com o objetivo de acolher as novas integrantes. Todas afirmaram que as decisões tomadas nos seus agrupamentos são coletivas. E,

nos intervalos de tempo de um encontro para outro, as decisões também são tomadas via *WhatsApp* e/ou por emails. Esta prática parece ser comum na maioria dos agrupamentos, uns com mais dificuldades do que outros.

Com todos os desafios da nossa forma de organização, a AMB tem buscado constantemente ser um movimento democrático, horizontal e autônomo. E, sendo quem somos, “as militantes da AMB, que vimos no módulo passado, a riqueza de quem somos, mas também o que nos desafia em ser o que somos”, o que tem sido muito valorizado na fala das militantes que aqui compartilharam. Uma companheira foi firme ao dizer que:

Quando iniciei a participar da AMB, a sua forma organizativa me deu um nó na cabeça, pois era tudo diferente daquilo que eu tinha vivido nos espaços dos movimentos sociais e feministas, fundamentados na hierarquia, direção x base, estrutura federativa. Essa forma de estar organizada da AMB contribuiu para uma mudança de pensamento e de agir.

Mesmo valorizando esta forma de organização, existe muita contradição, pois, por conta da cultura política, as próprias militantes esperam que exista uma direção nacional, no sentido mesmo de dirigir e não de coordenar as ações decididas pelo coletivo nacional das militantes. E esta direção, em alguns momentos, é transferida para as ONGs integrantes da AMB, que terminam por criar uma relação diferenciada de poder. Portanto é importante que as militantes tomem para si a construção do nosso movimento, porque muitas vezes estar neste lugar de esperar que alguém ou um grupo/organização tome esta direção “é estar numa zona de conforto, de só criticar e não tomar a iniciativa”. Ou, como também se diz, “é se escorar em pau que dá sombra”.

Se eu não falar da AMB, ela não vai Existir. - Sentir-se Articulação de Mulheres Brasileiras é sentir-se responsável por ela.

Estas duas frases são bem significativas quando falamos de construção do nosso movimento ou do se sentir pertencente ao nosso movimento. A segunda frase tratava de Pernambuco e ampliamos para o movimento nacional: “Sentir-se Articulação de Mulheres Brasileiras é sentir-se responsável por ela”.



É, para ser responsável pelo movimento que integramos, que fortalecemos, que construímos coletivamente, é necessário cuidar do que decidimos juntas. É necessário estarmos em contato umas com as outras, para podermos nos sentir responsáveis por ela! Como disse outra militante, sobre este se sentir AMB: “a vivência nas atividades da AMB é que faz parte da minha identidade militante”, ou ainda “o sentimento de ser AMB vem quando a gente vai participando das ações” ou quando se tem orgulho de ser daquele movimento, como foi colocado por uma participante: “Cada vez que via uma militante com o chapéu falando no plenário, me enchia de orgulho! Inclusive, acho uma pena não se produzirem mais os chapéus, pois é um elemento forte de identificação”. Outra companheira afirmou ainda que:

Ser feminista é existência. Estar no Coletivo de Mulheres do Calafate e na Articulação de Mulheres Brasileiras é a maneira que escolhi de estar articulada coletivamente com outras feministas e isso implica relações sociais num campo de diversidades. Eu não sei que indicador utilizar para saber se as mulheres/ativistas se identificam como AMB. Eu me identifico como AMB e isso me leva a priorizar a AMB como movimento.

Neste diálogo, nos pareceu que o sentimento de pertença à AMB pelos agrupamentos está mais consolidado. Percebe-se que tem havido um investimento nos agrupamentos locais em fortalecer este pertencimento ao movimento nacional. Fica nítido no relato da experiência de novos coletivos, como o da AMB-SP, do Coletivo Leila Diniz-RN e do Fórum de Mulheres do Agreste-PE.

Algumas companheiras trouxeram reflexões acerca da nossa atuação, lembrando que, por determinado tempo, a AMB – mesmo tendo sempre se colocado como um movimento autônomo que atuava frente ao Estado e frente à sociedade – tenha se voltado e apostado mais na atuação frente ao Estado, investindo na luta por políticas públicas. Houve muito investimento na participação em conferências e conselhos de políticas públicas, o que pode ter interferido na nossa disposição de nos construirmos como movimento autônomo. Compreendendo que lutar frente ao Estado tinha sua importância, porque não deixava de ser uma luta por direitos que viabilizassem melhorias

nas condições de vida para todas as mulheres. Não se nega a importância e o valor desta nossa luta. Ao mesmo tempo, avalia-se que se deixou de lado o enfrentamento direto ao capital (às empresas) e o enfrentamento ou conquista da sociedade, das pessoas.

Ao mesmo tempo em que tivemos forte atuação visando a melhoria das políticas públicas, a autonomia política da AMB e a diversidade entre nós, militantes, são princípios muito valorizados pelas participantes deste segundo bloco de discussões, assim como a perspectiva de construirmos um feminismo antirracista, anticapitalista e antipatriarcal.

Sustentabilidade financeira

A dificuldade de mobilização de recursos financeiros também é um desafio para todos os agrupamentos. Pelos relatos, dá para perceber que poucos agrupamentos têm conseguido fazer suas campanhas de mobilização. Quando conseguem, é para realização de uma atividade, um encontro pontual, mas estes não têm conseguido mobilizar recursos para organizar sua luta local ou para contribuir com as ações nacionais.

Os agrupamentos têm desenvolvido várias formas de mobilização, como: realizar bazares, festas, fazer caixinha para contribuir com as passagens de quem não tem recursos para participar de atividades, venda de camisetas, entre outras experiências. Mas fica a pergunta para todas nós: já tomamos decisões em relação a criar uma coletiva de finanças, a fazer uma campanha de finanças, entre outras estratégias, e o que falta é operacionalizar estas decisões e iniciativas. Será que todas estamos convencidas em fazer uma campanha de finanças para nosso movimento?

A comunicação tem sido nosso calcanhar de Aquiles. O Nó que vai dar muito trabalho para desatar, como diz a música do toré que sempre cantamos “quem deu esse nó, não soube dar, quem deu esse nó, não soube dar, este nó tá dado, eu desato já...”. Será necessária uma força-tarefa entre nós para minimizar ou, pelo menos, afrouxar este nosso nó.



Nessa nossa experiência com o mundo virtual e de diálogo feminista à distância, constatamos a dificuldade que muitas militantes têm tido para acessar a plataforma – desde aquelas que, mesmo tendo uma qualidade de conexão, não conseguiram acessar, ou que tiveram dificuldade de fazer isto pela pouca familiaridade com a plataforma, até as participantes que não o fizeram por inibição em se colocar naquele espaço. Existe ainda a questão central da comunicação entre nós (onde as listas ainda são um nós a ser desatado) e da comunicação externa (a importância de alimentar o *Facebook*, o site da AMB e a produção de um jornal impresso da AMB foram elementos que também surgiram nas discussões).

No curso presencial – e agora também no virtual – a questão da comunicação tem voltado com força e é um desafio imenso para um movimento nacional, que não tem mais recursos para reuniões presenciais, nem recursos para bancar o trabalho profissionalizado de uma comunicadora, como há tempos atrás tivemos. E, como parte da nossa dinâmica organizativa, a comunicação, as finanças, a formação, as Frentes devem estar articuladas com a estratégia de ação de um movimento feminista autônomo e horizontal, que deve ter sua expressão local-nacional forte. E ser um movimento forte significa investir tempo da nossa militância para pensar coletivamente essa estratégia de comunicação, também como uma estratégia de fortalecimento do nosso movimento. Como colocou uma companheira: *“Precisamos vencer as dificuldades das listas, impasses em relação a cuidado com segurança, ferramentas interativas comumente usadas e reunir-nos para montar um plano estratégico para integração interna e visibilidade externa da AMB”*.

Muitas questões que foram debatidas neste módulo foram objeto de reflexão no módulo seguinte: *Como nós atuamos*. Visualizamos muitos elementos positivos em nos organizar seguindo no caminho da horizontalidade, da autonomia política, da participação democrática, de sermos diversas. O desafio maior é não nos dispersarmos enquanto movimento nacional, apesar da abrangência territorial e das dificuldades apontadas. Continuaremos refletindo sobre nós, buscando enfrentar os problemas para nos fortalecermos, sobre como nos reinventar e assumir que a AMB somos nós, para que cada militante, em qualquer canto que esteja, possa se sentir responsável pelo movimento ao qual escolheu pertencer.

Sigamos no debate!!!



Bloco 3

Informações sobre como atuamos na AMB

Estes dados foram extraídos da Carta de Princípios da AMB, aprovada em 2008, no Comitê Político Nacional, em Itaparica na Bahia e da memória do Encontro Nacional da AMB, 2011, em Brasília.

Princípios organizativos da AMB

- Unidade na diversidade, princípio concretizado no compromisso com a autonomia organizativa e política dos fóruns, redes e articulações estaduais

que integram a AMB, e com o debate democrático das perspectivas teórico-políticas que orientam sua prática;

- Democracia interna pautada numa institucionalidade não burocrática; relações e processos decisórios horizontais e participativos marcados pela produção de consensos na ação; tomada de decisão por consenso com base em ampla maioria (2/3) e respeito ao direito de minoria de modo a tornar sempre possível rever decisões majoritárias;
- Diálogo, articulação e livre adesão como método de organização das lutas feministas na AMB e nas lutas coletivas organizadas com outras redes e articulações do feminismo e do movimento de mulheres brasileiro e internacional (AMB, 2008:2).

Caráter antipatriarcal, antirracista e anticapitalista da AMB

A AMB estabeleceu e mantém compromisso com a luta antirracista, com o reconhecimento e fortalecimento do feminismo negro, o respeito à diversidade étnica e a luta contra o etnocentrismo, defendendo a autodeterminação dos povos. A AMB posiciona-se como articulação feminista anticapitalista, por compreender que dentro deste sistema, especialmente em seu estágio atual de mundialização do capital e hegemonia da sociedade de consumo, é impossível conquistas significativas na direção da igualdade e autonomia para todas as mulheres, uma vez que este sistema concentra riqueza, provoca crescente exclusão com aumento do empobrecimento e crises socioambientais. Sendo uma organização antipatriarcal, a AMB defende a liberdade afetiva e sexual de todas as pessoas, contrapondo-se à norma patriarcal da heterossexualidade e à prática da lesbofobia. A AMB defende o direito à autodeterminação reprodutiva para as mulheres e o direito ao aborto. Condena a exploração e mercantilização de nosso corpo e sexualidade.

Estética da AMB (memória do ENAMB 2011)

A estética da AMB é orientada pela ética que rege o nosso projeto político. Não é possível para nós nos expressarmos de forma a contradizer o nosso anseio de liberdade. A nossa perspectiva de autonomia exige criatividade. Queremos criar um mundo novo a partir de um novo modo de fazer movimento, que ajude a gente, a cada uma de nós a nos recriarmos a cada dia, deixando de lado esta imposição de ser o que os outros querem que a gente seja. Sendo nós mesmas, com todas as contradições e dúvidas que tenhamos que carregar, mas sem ninguém a decidir nosso caminho. ...É esta estética feminista que nos permite fazer movimento e, ao mesmo tempo, fruir o movimento, gostar de estar junto, de denunciar o que sofremos, de expressar nossas ideias, de rir de nossos próprios erros, mas, especialmente, nunca parar de lutar.

Frentes de Luta

A nossa principal luta no momento é a resistência contra o golpe e a regressão de direitos que ele promove. A AMB tem 8 grupos nacionais de militantes Frente de Luta. A frente de Lutas Globais se fundiu com a Luta por Justiça Socioambiental. As Frentes são: pelo fim do racismo; por políticas públicas; pelo fim da lesbofobia; pela democratização do poder (antes era chamada: reforma do sistema político); pelo fim da violência contra as mulheres; por trabalho e previdência; por justiça socioambiental e lutas globais; pela legalização do aborto.



Síntese do debate no curso presencial em Recife

Como atuamos na AMB

Como subsídio para o debate foi utilizado o documento “AMB: Trajetória de decisões político-organizativas” e também o acumulado dos debates anteriores do Curso sobre “Quem somos” e “Como nos organizamos”. Como Quem Somos, Como nos Organizamos e Como Atuamos não estão separadas (separamos só por uma questão de organizar metodologicamente os debates), muitas questões que foram trazidas tanto no primeiro bloco, como no segundo, se repetiram, aprofundando um pouco mais no debate sobre a nossa atuação.

Frentes de Lutas e Coletivas

Qual a diferença entre as frentes de luta e as coletivas? Existe na AMB 8 frentes de luta e 2 coletivas: formação e comunicação. A coletiva de formação foi criada, mas não conseguiu dar seguimento e a coletiva de comunicação está sendo no momento rearticulada. As coletivas não são espaços de formação. É o espaço para pensar e impulsionar a política de formação e a política de comunicação aprovada pelo nosso movimento.

Alguns agrupamentos locais, tem, como forma de organizar sua atuação, coletivas por frentes de luta e muitas destas coletivas, não tem atuado interagindo com as frentes de lutas nacionais. Como fazer esta ligação das lutas locais dentro das frentes de lutas nacionais? Esta também é uma questão para se aprofundar. Outra dificuldade apontada foi a de que algumas frentes não tem organizado as lutas nem elaborado estratégias frente às questões que queremos enfrentar. As lutas acontecem no local independente de estar nacionalmente articulada. Necessário que as militantes entrem nas frentes de luta por afinidade, por estar atuando no seu agrupamento naquela luta específica, e se integrar e participar tanto nos debates virtuais quanto nos presenciais. Muitas militantes participam de várias frentes de luta, não tendo condições portanto de participar com mais qualidade. Como proposta saiu de

que seria interessante, mesmo que esteja atuando em mais de três lutas que priorizasse estar para construir em no máximo duas frentes de luta.

Foi reafirmado que a forma que a AMB segue de que as ações nacionais não são obrigatórias, os agrupamentos aderem de acordo com os contextos locais, como uma potencialidade do nosso movimento, mesmo reconhecendo que em alguns momentos esta forma fragiliza. Está nítido de que não se quer a centralização. A sugestão que fica é de que entendemos que a não centralidade é um norte favorável. Não queremos centralização. A sugestão é de que haja um esforço maior dos agrupamentos que considerem urgência do contexto e façam a adesão. Autonomia e adesão se respondem com amadurecimento e responsabilidade. Também se colocou a importância de ter calendários nacionais mais sistemáticos. Constatou-se também que há um problema com a transmissão do processo de como temos nos constituído neste processo para chegar onde estamos. Com a transmissão mais organizada, fica mais fácil se apropriar.

Formação e autoformação

Confirmou-se a necessidade de formação teórico-política sobre a nossa linha de feminismo antissistêmico e de se retomar a política de formação da AMB. Necessário que os agrupamentos locais organizem seus processos de auto-formação. E que as frentes de luta também possam realizar processos de formação específica para cada luta. Também se reafirmou a importância da formação na ação – não é necessário criar um GT para fazer formação. É abrir espaços de formação colada na luta, nos momentos... Construir formação nos momentos de tensão para distencionar, aglutina e cria alianças. Se constatou que a AMB tem potência, nestes anos temos conseguido fazer encontros de formação por frentes de luta (Aborto, violência, racismo, justiça sócio ambiental e sistema político) e temos produzido conteúdos.

Precisamos ter animadoras pra impulsionar as frentes de luta e coletivas e também pensarmos de como acolher as novas integrantes. No debate sobre e estética e tática se constatou que há formas diversas de estética nos



agrupamentos, mais que é muito importante a AMB ter sua identidade visual, com suas cores já definidas e seus chapéus, tranças e o que vamos criando no processo. Muito valorizado o fato desta identidade visual não ser plastificada. A nossa identidade visual mostra também a nossa diversidade. No entanto precisamos ter mais estratégias para termos mais visibilidade nas grandes manifestações. A importância de colocarmos nossa arte nas mobilizações: Batucada, cores, poesias. Estas linguagens agregam mais mulheres, principalmente as mulheres jovens.

Sobre Alianças

Existe uma concordância sobre a importância de fazermos alianças, mais precisamos ter cuidado para não sermos invisibilizadas nas alianças e manter, ou cuidar de alianças que para nós são estratégicas, como com o movimento feminista: Articulação de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB) e Marcha Mundial de Mulheres (MMM).

Fortalecer nosso pertencimento a AFM e construir alianças com outros movimentos da América latina. As alianças também são conjunturais e na sua maioria tem sido feito nas frentes de luta. Constatamos que é necessário renovar o nosso entendimento sobre alianças. Portanto necessário rever o nosso documento sobre alianças. Constatamos também que a AMB tem grande capacidade de convergência com vários sujeitos e tem puxado no longo da sua história ações e lutas com outros sujeitos (FIPPS, Frente Nacional de legalização do aborto, entre outras experiências).

Constatamos também a importância nesta conjuntura, de mesmo com as fragilidades apontadas, investir na reconstrução da esquerda e dos movimentos sociais. Neste sentido continuarmos dialogando nas duas frentes de esquerda. Reconhecemos que temos investido pouco neste sentido.

Coordenação da AMB

Este foi outro ponto importante para o debate de como nos organizamos e de como atuamos. A coordenação da AMB não é liberada, não tem

estrutura, não tem apoio logístico para fazer a articulação nacional, para coordenar as ações nacionais e no momento são apenas três coordenadoras que estão assumindo este desafio até a próxima plenária em que será eleita a nova coordenação. Necessário repensarmos o formato, se continua como foi aprovado cinco coordenadoras (Finanças, Comunicação, Formação, Articulação Nacional, Articulação Internacional).

Comunicação para dentro e para fora: comunicando a nossa atuação

O debate novamente voltou para a questão dos problemas da comunicação interna e conseqüentemente dos espaços de decisão a distancia.

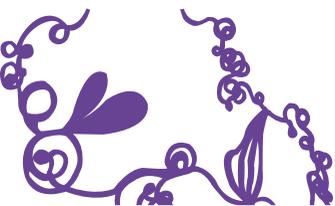
Comunicação Interna:

Mesmo reconhecendo que o grupo de *WhatsApp* (Zap, para encurtar) tem conseguido manter uma dinâmica maior de troca de informações, mais companheiras tem conseguido se comunicar, mesmo assim tem questões:

1. O grupo de *WhatsApp* “AMB na Resistência” não foi criado por uma decisão política da AMB e não deve ser o espaço de decisão política, mas um espaço de informações das lutas locais e de mobilizações. Mesmo tendo aumentado o número das participações, ainda grande maioria que está no grupo do Zap não conseguem interagir. As militantes precisam aprender a utilizar melhor a lista do Zap e se propôs a separar a lista do Zap em duas listas. Uma que pudesse ser só para postar as notícias das lutas locais, como se fosse um jornal online da AMB e outra para que pudessemos debater as questões políticas e que pudesse ser por frentes de luta por semana.

2. Sugestão de não abandonarmos a lista do Zap mais ter nítido que é na lista de e-mails da Plenária que devem ser debatidas as questões políticas e é nela que as decisões podem ser tomadas, pois ela possibilita o acúmulo e a sistematização dos debates. No Zap, isto não é possível.

3. Lista de Zap “AMB na Resistência” – tem momentos de bons debates e que se perdem por que não tem como se fazer sistematização desses debates.



4. Necessidade urgente de se reorganizar as listas de e-mails das frentes de luta, seriam debates estruturais por frentes de luta.

Comunicação externa

1. Necessidade de retomar a coletiva de comunicação e retomar o que tem de elaboração até agora sobre comunicação no nosso movimento. Como retomar o Site, como atualizar diariamente o *Facebook* e retomar o jornal da AMB que já foi pago e ainda não se conseguiu concluir.

2. Proposta de termos boletins informativos por regionais em um formato que os próprios agrupamentos possam imprimir.

Síntese do diálogo na Universidade Livre Feminista

Como atuamos na AMB

No período de 6 a 15 de julho de 2017, tivemos a realização do terceiro bloco do nosso Diálogo Nós na AMB, trabalhando um dos elementos dos nós de como atuamos. Para este momento, trouxemos para o diálogo três questões geradoras para que nos ajudassem a refletir sobre nossas alianças com outros movimentos sociais, o movimento feminista e, olhando para nossa forma organizativa, as nossas Frentes de Luta como impulsionadoras da nossa estética e atuação nacional e local.

Neste momento de realização do último diálogo virtual, também tivemos a realização de uma videoconferência como recursos para irmos ampliando nosso debate sobre nosso movimento que culminará num momento presencial, por ocasião da Plenária em setembro deste ano. Nesta oportunidade, parte das reflexões trazidas ao longo destes dois meses tomaram corpo no debate com as militantes dos estados onde a AMB se faz presente cotidianamente.

Neste terceiro bloco, tivemos a interação de 25 companheiras e podemos destacar como elementos da síntese, referente às questões provocativas para o debate, que a experiência do 8M foi marcada por muitos aprendizados no campo da cultura política para o feminismo e para o movimento social no geral. Todas demonstram que os processos foram marcados por disputas pelo protagonismo na construção desta ação política em outros locais, com divisões das manifestações de rua, a fim de garantir a autonomia política do movimento feminista e, em alguns locais, a experiência coletiva de construção não resultou numa avaliação para dimensionar o saldo organizativo diante de um quadro heterogêneo e plural de crescimento do feminismo em diferentes escalas nas cidades/estados.

No campo das alianças, isso levou a reflexão sobre o sentido desta construção no atual contexto político brasileiro, a necessidade de discussão



da cultura política que marca a ação dos movimentos sociais, e do movimento feminista em particular, a disputa dos partidos e as divisões que marcam as grandes mobilizações e o pouco debate na AMB sobre os partidos políticos, a militância partidária. Apesar deste debate ter ocorrido no curso presencial, é algo que precisa ser retomado, é parte da política de alianças e não pode ser visto como tabu. A política de alianças é vista como nó, mas também parte do exercício com outros sujeitos políticos e que se atualiza com o contexto e a construção e fortalecimento de um campo, mas que ainda exige muito debate no âmbito da AMB e leituras do contexto político.

As Frentes de Luta são vistas como uma forma interessante de organização coletiva da ação política da AMB, mas com dificuldades de interlocução local-nacional. O engajamento das militantes se dá pelo interesse na luta/causa, ou por aquilo que motiva no contexto local outras companheiras ao engajamento. E várias apontaram que a luta pelo fim do racismo, pelo fim da violência e por justiça socioambiental são elementos mobilizadores da luta das mulheres porque têm a ver com as condições reais de violações de direitos. Mas, a reflexão sobre as lutas prioritárias levantou uma questão para AMB: ao se definir uma luta como prioritária, em razão da estratégia e a conjuntura política, não quer dizer que as demais lutas percam sentido, mas que precisam ser redimensionadas no âmbito na ação política da AMB. Essa questão fica como reflexão e aprofundamento para nossa plenária.

E, por fim, um elemento agregador que marca nossa forma de atuar como movimento feminista autônomo é nossa estética transgressora, que congrega a diversidade de mulheres da AMB. Neste sentido, vários instrumentos são lembrados como parte da nossa política de presença trazendo como exemplo concreto o 8M: as palavras de desordem, as músicas, as poesias transgressoras, os chapéus, as cores – o colorido, o diverso... A AMB. Como atuamos... Como construindo na caminhada.

Para continuar a conversa...

O que é um movimento social forte?

Do ponto de vista feminista, um movimento social forte:

- Tem uma causa definida autonomamente.
- Tem permanência no tempo, ainda que com momentos de maior e menor visibilidade.
- Tem capacidade de formular criticamente um problema como problema público.
- Tem capacidade de atração de pessoas para a luta.
- Encanta e mobiliza muitas pessoas implicadas no problema e pessoas solidárias.
- As pessoas participantes gostam de ser deste movimento.
- Tem muita gente comprometida com ele, que pensa junto e assume tarefas.
- Tem entrada e saída de militantes, mas muitas ficam por muito tempo.
- Enfrenta conflitos internos de forma assertiva, firme e amorosa.
- Tem sujeitos individuais participativos, fortes, críticos, criativos e assertivos.
- Reflete sobre si mesmo, enfrenta seus problemas e constrói formas de organização e atuação coletiva.
- Toma decisões coletivas de forma democrática.
- Atua de forma coletiva e organizada com e pela maioria da sua militância.
- Constrói seu projeto ético e político coletivamente e autonomamente.
- Tem capacidade de acolher o novo, sem deixar de debatê-lo criticamente.
- Tem capacidade de construir alianças duradouras e breves com outros coletivos e movimentos.
- Reflete sobre a conjuntura e elabora estratégias coletivamente.



- Dissemina ideias e ideais.
- Tem capacidade de confronto com seus oponentes.
- Tem capacidade de fazer lutas, ou seja, processos coletivos de confrontação e de defesa de uma reivindicação ou posição frente ao Estado e/ou frente a sociedade.
- Valoriza pequenas conquistas nas suas lutas.
- Tem forte expressão, insurgente e rebelde, e bom reconhecimento público.
- Atua frente à sociedade e ao estado, formulando para isso diferentes estratégias e formas.
- Tem uma estética própria, criativa e que dialoga com seus princípios.
- Um movimento forte é, um pouco, o que gostaria que o mundo fosse.
- Um movimento feminista forte é um espaço-tempo-ação no qual transformamos a nós mesmas e lutamos para transformar o mundo e é uma construção autônoma permanente.

A conjuntura e desafios organizativos para a AMB

1. A AMB é um movimento feminista autônomo. O único movimento social a apresentar um balanço crítico sobre os 8 anos do governo Lula no qual apoiava alguns políticas e fazia fortes críticas a outras. Quando da eleição de Dilma, o Encontro Nacional da AMB em 2011 saudou a eleição da primeira mulher presidenta analisando o que isso significava, manteve-se como movimento autônomo em relação ao governo, comprometeu-se em defendê-la quando ela fosse atacada pelo fato de ser mulher. Atuamos com política de presença, participação e senso crítico em relação ao governo Dilma. Defendemos a continuidade do seu mandato quando das manobras golpistas, por entendermos a sua legitimidade democrática.

2. O golpe parlamentar contra o mandato da presidenta Dilma teve caráter patriarcal/misógino, racista e ultraliberal. Busca liberar as restrições do Estado à acumulação do capital frente à reestruturação mundial da economia

capitalista. Para isso busca por fim à todos os direitos do campo do trabalho e da cidadania. No momento inicial do golpe levantamos a bandeira do “Fora Cunha” e “Contra o PL 5069”, naquilo que foi chamado Primavera Feminista. Posteriormente, a AMB colocou-se na resistência somando com outros movimentos nas ruas com o grito de “Não Vai Ter Golpe!”. O golpe se instala fortalecido por uma onda conservadora e fundamentalista de escala mundial. Isso contribui para que ele libere forças muito violentas na sociedade brasileira e se percebe o crescimento de crimes de ódio com requintes de crueldade contra mulheres, lgbs e a juventude negra periférica.

3. As forças golpistas não tem uma saída consensual para a crise e nem um nome com força eleitoral para as possíveis eleições de 2018. Cogita-se vários caminhos para inviabilizar a possibilidade de eleição em 2018 do candidato já apresentado por setores do campo de esquerda, Lula, inclusive o de não ter eleições. Com o debate das reformas golpistas (venda do pre-sal, PEC do teto de gastos, reforma trabalhista e da previdência, questão das terras indígenas, etc...) cresce a mobilização popular, com o movimento sindical entrando em cena com mais força do que vinha fazendo na resistência durante o período 2015-2016. A greve geral de 28 de abril de 2017 é bastante forte e à ela se associa diversas manifestações e trancamentos de vias dos movimentos populares. Isso mexe na correlação de forças. A Frente Brasil Popular e a Frente Povo Sem Medo passam a atuar mais unificadas.

4. No outro lado, o lado da direita, também ocorre um movimento das forças políticas internas ao campo golpista. Vários fatos demonstram a ausência de unidade e busca de saídas: FHC declara-se pró Luciano Hulk, a presidente do STF reúne-se com mega empresários, a PGR organização delação premiada por fora do esquema-Moro... Com as últimas denúncias envolvendo especialmente Temer e Aécio fica provado que as forças de sustentação ao presidente ilegítimo, e ele próprio, estão completamente comprometidos com o esquema de corrupção.

5. Cogitam-se várias possibilidades de saída para termos a efetivação do Fora Temer: renúncia do presidente, anulação do impedimento de Dilma,



condenação da chama Dilma-Temer no TSE, impachament de Temer no Congresso, cassação de Temer pelo STF.. A saída de Temer pode gerar eleições indiretas pra mandato tampão, eleições diretas pra presidente ou eleições gerais, ou um maior fechamento do regime com apoio dos militares ou pela força do judiciário.

6. As forças de esquerda, entre elas os movimentos sociais, conclamam o povo às ruas em torno de Fora Temer e Diretas Já, alguns setores defendem Eleições Gerais, outros Constituinte Já, outros ainda Volta Dilma. Apesar de serem vários os pontos de chegada há unidade na defesa de que o caminho para chegar até lá é pelas ruas e que deve se manter a consigna de #nenhum direito à menos e a resistência contra as reformas. Ontem realizou-se o #Ocupa Brasilia e nos setores mais aguerridos cogita-se uma greve geral por tempo indeterminado, como caminho pra derrubar Temer.

7. A Globo e outras forças de direita também conclamam o povo às ruas pra derrubar Temer e seguir na chamada via constitucional, colocando na presidência a linha sucessória: presidente da Câmara, Senado, STF. Há fortes indícios de articulações para que seja a presidenta do STF, Carmen Lucia. Nesta hipótese, o/a interino, a rigor, deveria chamar eleições indiretas no Congresso para serem realizadas em 30 dias, podendo eleger qualquer brasileiro (parece que filiado a partido político). Nos últimos dias foi divulgado que FHC, do PSDB, tenta articular uma “saída controlada” para a crise e promove conversas com partidos de esquerda e suas lideranças.

8. O movimento feminista, embora não sendo centralmente articulado, esteve na linha de frente da resistência desde a primavera feminista com o mote do Fora Cunha e Contra o PL 5069, nos anos de 2015 e 2016. No momento do golpe, talvez pelo fato de Dilma ser mulher, nossas posições ganharam mais evidência. Em 2017, ganhou força no 8 de março e depois se mantém firme na resistência, mas sem ações de peso nacionalmente articuladas. Neste momento, o movimento feminista nos parece não estar no centro da cena, mas majoritariamente tem ido às ruas por ‘nenhum direito a menos’ e ‘fora temer’, e tem tentado se articular contra a reforma da previdência.

9. A AMB, como parte do movimento feminista, definiu na plenária nacional de setembro não dialogar com o governo golpista, ausentar-se dos processos de conferências e conselhos, e manter-se nas ações de rua. A AMB tem atuado na resistência em todos os locais mas não está fortemente articulada, em nível nacional, a nenhuma das frentes políticas de resistência, embora tenha definido estar nas duas. Não circulam informações suficientes sobre como nos organizamos para atuarmos em conjunto, como AMB, em cada localidade, e como andam nossas forças no plano local. No plano nacional parece que nossas posições não tem tido destaque no cenário político e que não temos conseguido atuar bem articuladas entre nós e com outros movimentos feministas. Isso tem a ver conosco e com os outros.

10. Os nossos meios de comunicação interna não estão funcionando a contento para permitir nossa articulação: as listas estão deterioradas, o grupo de zap tem o inconveniente das postagens desordenadas em múltiplos assuntos e a dificuldade de sistematizarmos uma posição em cada debate, o face é pouco usado e não repercute, as imagens que circulam das ações locais majoritariamente são mais retratos que mostram nossos rostos e demonstram presença mas não demonstram como estamos engajadas na construção e qual a dimensão da manifestação e da presença da AMB. Mas, apesar destas críticas, sempre estamos presentes nas ações de resistência no plano local.

11. A nossa coordenação nacional hoje conta só com três companheiras e praticamente nenhuma estrutura de funcionamento. Não temos recursos próprios e nenhuma companheira com tempo disponibilizado para ação nacional da AMB. Contamos com apoios de ONGs feministas do nosso campo com alguns de seus projetos de financiamento (SOS, Cfemea, Equit, Redeh, Cunha...) que são cada vez menores e mais eventuais. Os nossos grupos de militantes por frentes de luta nacional também enfrentam muitas dificuldades para funcionar, as listas de e-mail estão precárias, mas as que funcionam não recebem a participação constante das que estão lá inscritas, se reúnem muito eventualmente quando favorecidos por algum projeto financeiro, e a maioria está sem nitidez sobre qual seria sua estratégia neste momento.



12. Na AMB buscamos nos organizar e funcionar nacionalmente a partir dos princípios de autonomia e horizontalidade na tomada de decisões política e na atuação. Temos a ideia de decidirmos as coisas por consenso, ou quando o debate exige urgência decidirmos pela posição de mais ou menos setenta por cento de quem opina. Os agrupamentos estaduais não são obrigados a fazer o que é definido nacionalmente, cada uma toma suas decisões e adere ou não às decisões nacionais. Com tudo isso, a grande maioria de nós, militantes da AMB, temos muitas dificuldades para assumir a organização de tomadas de posição e realização de ações no plano nacional. Sempre nos perguntamos: “como ser um movimento horizontal num país continental com uma conjuntura tão emergencial?” Dá um verso...

13. Em função dos desafios que a conjuntura impõe pra nossa atuação e dos desafios organizativos para a continuidade de nosso movimento – a AMB, nós propomos uma reflexão mais aprofundada sobre o perfil da nossa militância, os problemas de nosso método de organização interna e de nossa forma de atuação, a fim de que a gente possa elaborar coletivamente os caminhos para o fortalecimento da AMB. Com isso na cabeça e muito amor no coração, podemos fazer este debate neste curso, nos agrupamentos locais e na nossa plenária nacional que deve ser no segundo semestre de 2017.

Oxalá seja possível!!!!

REFERÊNCIAS

BRAZÃO, Analba. **AMB: Trajetória de Decisões Político-organizativas.** SOS/AMB.Maio/2017

CAMURÇA, Silva e SILVA, Carmen. **Feminismo como Movimento Social.** Texto Base 1 - Curso de Auto-Formação Feminista da AMB.

SILVA, Carmen Silvia Maria da. **Movimento de mulheres, movimento feminista e participação de mulheres populares:** processo de constituição de um feminismo antissistêmico e popular. Tese Doutorado em Sociologia, UFPE, 2016.

FREEMAN, Jo. **A Tirania da Falta de Estrutura.**1970. Disponível em: <http://www.caladona.org/wp-content/pujats/2010/06/la-tirania-de-la-falta-de-estructuras.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2017.

MIGUEL, Luis; BIROLI, Flávia. **A Política do Feminismo.** FEMINISMO E POLÍTICA. Editora Boitempo, 2014.

DOCUMENTOS – AMB

1 - MEMÓRIA ENAMB 2011;

2- RELATÓRIO DA REUNIÃO DO COMITÊ POLÍTICO NACIONAL DA AMB, 2012;

3- RELATÓRIO DO COMITÊ AMPLIADO – MAIO/2014 e DEZEMBRO/2014;

4- RELATÓRIO DA PLENÁRIA NACIONAL, SETEMBRO/2016.



ARTICULAÇÃO
DE MULHERES BRASILEIRAS